



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**MAURÍCIO ALVES DE LUCENA JÚNIOR**

## **As dimensões das experiências acadêmicas no campo empírico**

Memórias da Radiofonia Campinense: Por uma (re) construção histórica dos profissionais que atuaram no rádio durante as décadas de 30 a 60

CAMPINA GRANDE – PB  
2012

**MAURÍCIO ALVES DE LUCENA JÚNIOR**

## **As dimensões das experiências acadêmicas no campo empírico**

Memórias da Radiofonia Campinense: Por uma (re) construção histórica dos profissionais que atuaram no rádio durante as décadas de 30 a 60

Relatório apresentado ao Curso de Graduação em **Comunicação Social** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau Bacharel(a) em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Goretti Maria Sampaio de Freitas

CAMPINA GRANDE – PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

L935d Lucena Júnior, Maurício Alves de.

As dimensões das experiências acadêmicas no campo empírico – memórias da radiofonia campinense: por uma (re)construção histórica dos profissionais que atuaram no rádio durante as décadas de 30 e 60../ Maurício Alves de Lucena Júnior. – 2012.

38 f.; il, color

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Goretti Maria Sampaio, Departamento de Comunicação Social”.

1. Radiofonia campinense. 2. Memória 3. Profissionais do rádio. I. Título.

21. ed. CDD 302.234

MAURÍCIO ALVES DE LUCENA JÚNIOR


## As dimensões das experiências acadêmicas no campo empírico


Memórias da Radiofonia Campinense: Por uma (re) construção histórica dos profissionais que atuaram no rádio durante as décadas de 30 a 60

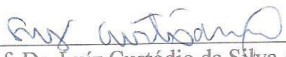
Relatório apresentado ao Curso de Graduação em **Comunicação Social** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau Bacharel(a) em Jornalismo.

Aprovada em 27 / Novembro / 2012.

NOTA: 10,0

  
Prof.ª Dr.ª Goretti Maria Sampaio de Freitas / UEPB  
Orientadora

  
Prof.ª Dr.ª Ingrid Farias Fachine de Oliveira / UEPB  
Examinadora

  
Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva / UEPB  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus Uno e Trino, que me criou no amor e que, com voz doce e suave me chamou à vocação Obra Nova do Coração de Maria. Obrigado ó Deus por este acréscimo, pois o que busco em primeiro lugar é o teu Reino. Agradeço a Virgem Maria, a quem sou consagrado. Obrigado ó Mãe de Deus por acolher em vossas mãos este trabalho.

À minha família: Maurício Alves de Lucena (pai), Maria Moisés de Lucena (mãe), Milena Moisés de Lucena (irmã), Juliana Moisés de Lucena (irmã) e Kauã (primo) Bendito seja o Senhor por este lar onde “todos são por um e um por todos, onde a paz criou raízes e floriu...”. Louvado seja Deus por todos os meus familiares

À minha família OBRA NOVA DO CORAÇÃO DE MARIA, comunidade na qual sou consagrado. À Marli Maria de Sousa Albuquerque, fundadora da comunidade, que não encontra limites para se consumir pelo reino de Deus e à todos os meus irmãos e irmãs, que foram o auxílio necessário e apoio constante durante os quatro anos de curso e de vida comunitária. Com vocês eu vivo a alegria de ter escolhido a melhor parte.

À Professora Goretti Maria Sampaio de Freitas, que me orientou sabiamente neste projeto. Seus conselhos transcenderam o espaço acadêmico. Seu exemplo e sabedoria de educadora me encaminharam com segurança nas veredas da pesquisa.

À coordenação do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba e aos meus professores, em especial: Cléa Gurjão, Robéria Nadjia, Luíz Custódio, Luis Aguiar, Giseli Sampaio, Rômulo Azevedo, Fernando Firmino, Cássia Lobão, Ingrid Fachine e Moisés Azevedo, por todo o ensinamento e amizade construídos ao longo destes anos.

Aos amigos e “colegas jornalistas” do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, pelos momentos fraternos e de aprendizado partilhados ao longo destes quatro anos.

Aos funcionários e amigos da UEPB, em especial: Ceíça, Toinha e Valério. À todos da secretaria do Departamento de Comunicação Social.

À todos os meus amigos, dons de Deus para minha vida. À todos que intercederam com suas orações para o êxito deste trabalho.

Dedico este trabalho à Maurício Alves de Lucena, meu pai e Maria Moisés de Lucena, minha mãe, que fizeram de nossa casa, pela Graça de Deus, semelhança do lar da Sagrada Família de Nazaré.

## RESUMO

A pesquisa buscou (re) construir a memória dos profissionais que atuaram no Rádio em Campina Grande nas décadas de 1930 a 1960, baseando-se nas particularidades e significados pessoais de cada personagem. Procuramos identificar os nomes daqueles que introduziram as primeiras experiências radiofônicas em Campina Grande bem como levantar e tipificar os programas de rádio das emissoras instaladas neste período na cidade, verificando como estes eram produzidos e de que forma contribuíram para a difusão da cultura da sociedade local. Para operacionalizar esses objetivos, realizamos entrevistas com familiares e contemporâneos destas personalidades afim de, por meio das narrativas orais e também da pesquisa documental, levantarmos informações sobre os homens e mulheres que triunfaram na radiofonia campinense no corte histórico estudado. Utilizamos como método de abordagem a técnica da história oral, visando registrar as lembranças dos profissionais da radiodifusão de Campina que ainda não foram escritas. As entrevistas foram gravadas em vídeo e, após editadas, farão parte de um arquivo documental, que será digitalizado na biblioteca setorial do curso de Comunicação Social da Universidade estadual da Paraíba. A importância deste estudo se fundamenta na necessidade de se registrar as contribuições das vozes da radiodifusão campinense, tendo em vista que a trajetória do rádio em Campina Grande está registrada em pesquisas fragmentadas, demonstrando a escassez de trabalhos que abordam esta temática. O presente trabalho possibilitou a rememoração e a legitimação das experiências vivenciadas pelos profissionais da mídia radiofônica local, permitindo que as lembranças destes profissionais do rádio adentrem na memória coletiva e histórica do município, através do material documental que será produzido. A pesquisa também nos permitiu antever o quanto os profissionais do rádio contribuíram para o progresso cultural da cidade pelo conteúdo qualitativo produzido nos programas da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Radiofonia Campinense; Memória; Profissionais do Rádio.

## INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto do Projeto de pesquisa **Memórias da Radiofonia Campinense: Por uma (Re) Construção Histórica dos Profissionais que atuaram no rádio durante as décadas de 30 A 60**. A problemática investigada nesta pesquisa debruçou-se na recuperação da memória dos homens e mulheres que trabalharam no rádio neste corte histórico, desvelando a importância e contribuições destes para o desenvolvimento cultural e social, da sociedade campinense.

O rádio como um meio de formação e comunicação trouxe grandes contributos para a sociedade campinense, acompanhando as transformações técnicas e estando presente nas coberturas dos principais acontecimentos do cenário político e econômico da cidade. Tais contribuições foram possíveis graças ao empenho, dedicação e trabalho dos profissionais que conduziram a produção radiofônica em Campina Grande.

As primeiras experiências radiofônicas em Campina Grande se deram no ano de 1936 com o serviço de alto falantes, idealizado por Jovelino Farias, o Gaúcho. Instalada na Rua Marquês do Herval, essa difusora, por meio de seus programas, prestou inúmeros e importantes serviços a sociedade. Outro personagem que contribuiu para o crescimento da radiodifusão em Campina por meio do serviço de alto falante foi José Jataí, que junto com o jovem radialista Hilton Mota conduziam os trabalhos da difusora *A voz de Campina Grande*, espaço em que apresentavam uma programação bem diversificada, aproximando-se do que o rádio viria posteriormente a oferecer.

Mesmo com os bons serviços prestados e a boa programação das difusoras, os amantes da radiofonia desejavam a implantação de uma emissora de rádio na cidade, intento que se consolidou no dia 13 de maio de 1948, com a inauguração da rádio Cariri. A primeira rádio de Campina Grande teve como proprietário o filho do ex-presidente Epitácio Pessoa, Epitacinho Pessoa e se instalou a princípio no bairro de Bodocongó. A rádio Cariri por meio de sua programação atingia toda a cidade e começava a instaurar na coletividade campinense modificações de comportamentos e costumes.

Mas a década de 1940 brindou Campina Grande com mais um presente radiofônico: No dia 08 de Dezembro de 1949 nascia a Rádio Borborema. Inspirada pelo jornalista paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, a nova emissora de rádio campinense teve sua primeira sede no Edifício São Luiz, esquina das ruas Cardoso Vieira e Venâncio Neiva. Projetada para ter o mesmo padrão de qualidade das Rádios Tupi do Rio de



Janeiro e de São Paulo<sup>1</sup>, a Borborema apresentou no início de suas atividades uma programação diversificada e interativa, que logo passou a conquistar a audiência da população local e de municípios vizinhos, conseguindo interferir e modificar nos padrões de comportamento da época. (FREITAS, 2003)

No dia 24 de Agosto de 1950 foi fundada a rádio Caturité, fechando o grupo das três emissoras AMs pioneiras da radiodifusão em Campina Grande. Fruto de uma sociedade entre o jornalista Teófilo Benedito de Vasconcelos e o advogado Sávio Carvalho de Vieira, esta emissora surgiu para fomentar ainda mais o progresso e a produção cultural da região.

É bom que se diga que o rádio naquele tempo era um rádio de produção, porque não existia partidos políticos ou políticos patrocinando programa nenhum. O rádio era de produção. Você tinha que produzir um programa para o comércio patrocinar e a emissora pagar aos seus funcionários. (CARLOS, 2011)<sup>2</sup>.

A trajetória que o rádio campinense percorreu desde o seu surgimento, sobretudo no corte histórico de 1930 a 1960, demonstra com clareza a eficácia deste meio de comunicação como um canal eficaz de cultura e formação social, fatores que resultam do empenho e da seriedade dos profissionais que trabalharam na radiofonia neste período.

Considerando a importância dos profissionais que triunfaram na radiodifusão em Campina, o objetivo principal da pesquisa foi (re) construir a memória das vozes da radiofonia campinense baseada nas particularidades e significados pessoais dos homens e mulheres que colaboraram para a eficácia do rádio em Campina Grande nas décadas de 30, 40, 50 e 60.

Buscamos ainda identificar os personagens que introduziram as primeiras experiências radiofônicas em Campina Grande. Também, levantamos e tipificamos os principais programas de rádio das emissoras instaladas em Campina durante este período, por meio da coleta de depoimentos e experiências vivenciadas no cenário do rádio, procurando verificar de que forma eram produzidos e como contribuiriam para a difusão da cultura na cidade.

Para melhor entendermos a importância do rádio, sua trajetória e evolução como o meio de comunicação mais popular do Brasil, recorreremos aos estudos dos principais autores que tratam da temática no país, a exemplo de FERRARETO (2000, 2010) e PRADO (2012). Nos caminhos metodológicos encontramos em THOMPSON (2002) e HABAWKHS o aporte necessário para tratarmos de História Oral e de Memória, respectivamente.

---

<sup>1</sup> Fato que consolidou, tendo em vista que muito a programação da Rádio Borborema, a exemplo das novelas era exportado para as emissoras do Sul e do Sudeste.

<sup>2</sup> Entrevista realizada com o Radialista Joel Carlos em Agosto de 2011.

Compreendendo a importância da mídia radiofônica para o crescimento e o desenvolvimento da cidade de Campina Grande, percebemos o valor da pesquisa realizada, tendo em vista a escassez de trabalhos produzidos sobre esta temática. A trajetória do rádio em Campina Grande está registrada em pesquisas documentais fragmentadas e em algumas publicações<sup>3</sup>. O trabalho aqui construído contribui para que as experiências vivenciadas pelos personagens do rádio campinense se legitimem e se perpetuem a partir das narrativas dos sujeitos que fizeram do rádio um instrumento eficaz para a difusão da cultura da sociedade campinense.

Percebemos que registrar a contribuição que os profissionais do rádio desempenharam na história de Campina Grande é uma exigência que se impõe não apenas aos profissionais da comunicação, mas a todos os intelectuais comprometidos com o processo de mudança social.

### **A implantação do Rádio no Brasil**

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil aconteceu no dia 7 de Setembro de 1922, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da independência do País. A empresa norte americana *Westinghouse Electric International* foi a responsável pela demonstração, instalando no alto do Corcovado um transmissor de 500 Watts e distribuindo 80 receptores às autoridades civis e militares. (FERRARETTO, 2000)

Essa primeira transmissão foi o discurso do presidente Epitácio Pessoa, veiculado para os visitantes de uma grande feira internacional, a exposição do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro. O evento reuniu pessoas ilustres, como o príncipe Alberto, da Bélgica, que ouviram o discurso por meio de alto-falantes espalhados no local. (PRADO, 2012, p. 50).

Como reconhecimento, vale ressaltar que uma associação de radioamadores executou em Recife, Pernambuco, transmissões radiofônicas que antecederam a transmissão do Centenário da Independência. “No dia 6 de Abril de 1919, jovens da elite recifense fundaram a entidade em um velho sobrado em Santo Amaro. Nos anos seguintes, eles se dedicaram a experiências com recepção radiotelefônica.” (FERRARETTO, 2000, p. 94). Contudo, este grupo só realizaria transmissões de forma regular no ano de 1923.

A demonstração pública na Exposição do Rio de Janeiro causou impacto nos ouvintes que estavam presentes na feira. Mesmo a transmissão não sendo perfeitamente audível, despertou em alguns “vanguardistas” o interesse em implantar o rádio efetivamente no País.

---

<sup>3</sup>A exemplo do livro “Uma história da mídia regional: O rádio em Campina Grande”, de autoria da professora Doutora Goretti Maria Sampaio.

No meio destes, estava o cientista e antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). Roquette-Pinto cursou medicina na faculdade do Rio de Janeiro e foi professor na Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia do museu Nacional do Rio de Janeiro. Com pouco mais de vinte anos, firmou-se como um dos antropólogos com mais prestígio no Brasil, sendo também reconhecido na medicina, na radiodifusão e na área cinema educativos. (PRADO, 2012).

O meu papel no rádio não foi o do sacerdote que está dizendo missa, nem do cantor que está no coro ou o organista [...] Nem mesmo o do sacristão [...] Foi o papel de sineiro, o homem que faz o bronze vibrar, chamando os crentes. Eu apenas vi que, para minha terra, para o meu povo, o rádio era uma nova força, uma alavanca nova de progresso. E então, agarrei a corda do sino e bati, e bati [...] Não fui senão um simples sineiro. (DEPOIMENTO DE ROQUETTE-PINTO in PRADO 2012, p. 55).

Edgard Roquette-Pinto, juntamente com Henrique Morize, liderou um grupo de intelectuais que formaram uma associação cujo interesse era firmar no Brasil as práticas da radiodifusão. Esta, além de transmitir os conhecimentos sobre a mídia radiofônica, superou “os seus antecedentes históricos, os grupos *de amadores da radiofonia*” (FERRARETTO, 2000) e conseguiu realizar o intento da implantação do rádio na cidade do Rio de Janeiro. Assim, no dia 20 de Abril de 1923 nascia a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que se configura como a primeira emissora de rádio do Brasil.

Ainda que a recepção fosse imperfeita, cheia de ruídos, não foi uma experiência inconsequente. Cerca de sete meses depois, em 20 de abril, o médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto e o astrônomo Henrique Morize assinavam a ata de fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ao lado de seus colegas da Academia de Ciências. A iniciativa se antecipava a regulamentação oficial da atividade radiofônica, até então tida pelos governantes, como um caso de polícia, se exercida por particulares. (SAROLDI e MOREIRA, 2005, p. 16).

De acordo Prado (2012), observamos que, a emissora, cuja finalidade era educar por meio de sua programação e que tinha por lema “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, realizou sua primeira transmissão em maio de 1923 com uma conferência de seu fundador, Roquette-Pinto. Somente no mês de setembro do mesmo ano a rádio passou a transmitir regularmente nas dependências da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, hoje Escola de Engenharia da Universidade do Brasil. Esta proposta de levar cultura e educação à sociedade por meio da emissora não se efetivou, pois a difusão da mesma era marcada por um elitismo, onde somente um grupo tinha condições financeiras de acesso ao aparelho na fase inicial do rádio.

Ferraretto (2000, p.99) assevera:

A intenção louvável de Edgard Roquette-Pinto esbarra em uma dura realidade. O rádio dos clubes e sociedades de radiodifusão é um passatempo da elite em uma sociedade que começa a se urbanizar. Constituídas como agremiações, são os ouvintes que mantêm com suas mensalidades as emissoras operando.

Conforme Prado (2012), a produção jornalística no rádio brasileiro também está inserida no contexto histórico da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Roquette-Pinto criou, já no início das atividades na emissora o “Jornal da Manhã”, primeiro jornal radiofônico da mídia sonora do país. O “pai do rádio brasileiro” era responsável por verificar os jornais e assinalar as matérias que seriam transmitidas e comentadas no jornal.

Do ano de 1923 até o início da década de 1930, surgem emissoras de rádio em diversos estados brasileiros, a exemplo de: Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Em 1932 a publicidade no rádio é regulamentada, marcando uma nova fase na radiofonia do país.

### **A Era de Ouro do rádio brasileiro**

A “Era de Ouro” do rádio se deu a partir da década de 1940. Foi no início desta década que o Estado Novo determinou a encampação do grupo ao qual a Rádio Nacional<sup>4</sup> fazia parte, incorporando a emissora ao patrimônio da União, fator que contribuiu para o seu rápido crescimento.

Os recursos provenientes da publicidade eram reinvestidos diretamente na própria Nacional, garantindo uma programação atraente. Assim, a partir da encampação, a Nacional desenvolve uma forte estratégia de conquista de mercado. (FERRARETTO, 2000, p 113).

A partir deste decênio se inicia o auge da produção das radionovelas, gênero responsável pela popularização da ficção no país. Surgindo na América Latina, “os folhetins do rádio” se configuraram na época de ouro da radiodifusão no Brasil com um dos produtos mais populares da radiofonia.

A programação tornou as novelas de rádio um fenômeno generalizado. A Rádio Nacional na Rio de Janeiro e a Rádio São Paulo, na Capital paulista, passaram a ser especialistas. Isso permitia um grande desenvolvimento do setor de radionovela e radioteatro das emissoras. (CHAVES, 2007 in PRADO, 2012, p. 137).

---

<sup>4</sup>A Rádio Nacional foi fundada em 12 de Setembro de 1936. , foi estatizada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 8 de março de 1940 que a transformou na rádio oficial do Governo brasileiro.

Uma das radionovelas que marcou este período foi “O Direito de Nascer”, folhetim de origem Cubana transmitida no Brasil pela Rádio Nacional. A Trama se embasava na vida de uma mãe solteira que abandona seu filho e era interpretada por atores como Paulo Gracinho, no papel do filho abandonado *Albertino Limonta* e Iara Sales, que interpretava a *Mamãe Dolores*.

Os programas humorísticos também se popularizaram nos anos 40. Um dos principais periódicos do gênero foi o “PRK 30”, que era satirizava os outros programas radiofônicos da época. A frente do “PRK 30” estavam os radialistas Lauro Borges e Castro Barbosa, para muitos a dupla mais famosa da era de ouro do rádio brasileiro.

Os dois atores faziam todas as vozes, quase sempre em textos entremeados de palavras inexistentes, absurdas até. Além dos personagens principais, havia outros que apareciam com frequência, como a cantora de fado Maria Joaquina Dobradiça da Porta Baixa. (FERRARETTO, 2000, p. 124).

Mas as produções que mais se destacaram na formação de “ídolos” do rádio neste período foram os programas de auditório. Um conjunto de programa radiofônico com show musical e espetáculo de teatro, que tinha sua imagem reforçada pelas chanchadas produzidas pelo cinema nacional e pelas apresentações nas grandes casas de espetáculo (FERRARETTO, 2000).

Um dos grandes apresentadores que triunfou nos auditórios das rádios nacionais foi Ary Barroso. Compositor, autor do samba-exaltação “Aquarela do Brasil”, era formado em Direito, mas nunca exerceu sua profissão. O primeiro programa que Ary apresentou no rádio foi “Programa Esplêndido”, produzido por Valdo Abreu, na Rádio Mayrink Veiga. Também chegou a apresentar o programa “Calouros em desfile”, primeiro programa do rádio Brasileiro. Através de sua popularidade no rádio, Ary Barroso adentra no campo da política, elegendo-se, com o apoio da Rádio Tupy, vereador pela União Democrática Nacional (UDN) (PRADO, 2012).

César Ladeira é outro nome lendário que passou pelos auditórios do rádio brasileiro. Considerado o melhor locutor que o rádio teve na período áureo, Ladeira além de locutor-chefe era diretor artístico de umas das principais emissoras na época, a rádio Marynk Veiga. Foi com o empenho e a dedicação do radialista que a rádio vivenciou o grande apogeu de sua existência (MURCE in PRADO, 2012).

Foi também na era de ouro do rádio que a publicidade e os “jingles” se consolidaram, ganhando cada vez mais espaço na radiofonia. Já não se ouvia somente as quadrinhas do pão

Bragança<sup>5</sup>, mas inúmeras homenagens aos anunciantes dos programas, geralmente composições dos aprendizes do “Programa do Casé”.

Inovador e audacioso, Ademar Casé atuou como professor de personagens ilustres do rádio, fazendo de seu programa uma verdadeira escola para os jovens que vislumbravam seguir carreira no rádio. Sobre Ademar Casé observamos em SARALDI e MOREIRA (2005, p. 35):

Sem jamais ter sido cantor, compositor, locutor, ator, ou músico – ou mesmo dispor de do prestígio intelectual de um Roquette-Pinto, por exemplo –, Casé propôs à Philips o aluguel da estação durante quatro horas, aos domingos, a partir das 20h. Pensava pôr em prática algo menos convencional do que era oferecido pelas emissoras cariocas, embora não soubesse bem o que fazer.

A produção jornalística do rádio no período de ouro da radiofonia nacional cresce em favor da Segunda Guerra Mundial e começa a se conformar ao que temos hoje de produção jornalística no rádio. É na década de 1940 que surge o “Repórter Esso”, marco do radiojornalismo brasileiro, tendo como apresentador Heron Domingues, que, de acordo com FERRARETTO (2000, p. 129):

[...] Além de ser a voz mais conhecida do noticiário, desempenha um papel muito importante na história do rádio brasileiro. Em 1948, ele implanta e passa a dirigir a Seção de Jornais Falados e Reportagens da Nacional, o primeiro departamento de uma emissora no país dedicado ao jornalismo.

A “Era de ouro” do rádio brasileiro se encerra com o surgimento da televisão no país. A TV vai buscar no rádio os seus primeiros profissionais assim como os formatos de programas e os apoios publicitários. Deste modo o rádio precisa buscar uma nova e mais econômica linguagem.

## **O novo Formato e novos rumos da Radiofonia**

Após o declínio da época de ouro, o rádio nacional foi construindo novos rumos. As emissoras passam a reduzir sua programação a muita música e poucos programas produzidos. Com um faturamento bem menor do que no período do apogeu, as rádios passaram a investir bem menos na produção, nos equipamentos e no pessoal técnico e artístico. As estrelas são trocadas por discos e fitas gravadas, as radionovelas pelos noticiários e a utilidade pública assume o lugar das brincadeiras de auditório. As grandes e

---

<sup>5</sup> Fado improvisado que pode ser considerado o primeiro anúncio cantando (Jingle) do Rádio no Brasil criado por Antônio Nássara em 1932.

caras produções, que necessitavam de muitos profissionais, são substituídas por uma comunicação mais ágil, noticiosa e de serviços. (ORTRIWANO, 1985)

Na década de 1960 começam a funcionar as primeiras emissoras em frequência modulada – FM, fornecendo inicialmente “músicas ambiente” para assinantes interessados em *back-ground*<sup>6</sup>. “Desde o início, o rádio em FM, embora de menor raio de alcance, ofereceu uma qualidade sonora superior que, no início da década de 60, ganha um impulso significativo”. (FERRARETO, 2000)

“As primeiras transmissões em frequência modulada no Brasil foram realizadas com um atraso de 30 anos em relação a ‘invenção’ da FM. O engenheiro americano Edwin Armstrong fez em 1933 uma demonstração do sistema de transmissão de rádio em frequência modulada para os executivos da RCS (*Radio Corporation of America*), mas só na década de 1960 surgiram as emissoras FM no Brasil”. (PRADO, 2012, p. 260).

De acordo com Prado (2012), as emissoras pioneiras em FM possuíam uma programação distinta da proposta inicial da rádio brasileira, pois se afastaram da produção educativa. A música passou a ser o principal conteúdo, fator que permitiu a criação de várias emissoras especializadas em diversos gêneros musicais.

Na década de 70, a fórmula das emissoras FMs foi modificada, tornando-se preponderante a veiculação de músicas intercaladas de sátiras e brincadeiras dos locutores. Por meio da política adotada pelo governo militar, foram abertas várias concessões de canais de frequência modulada, incentivando seu crescimento. É também neste decênio que se consolidam as rádios comunitárias “literalmente um veículo para dar voz aos que não tem voz”. Foi a partir deste espaço que as comunidades tiveram um meio de comunicação para mostrar os seus anseios e fazer uma ponte entre os moradores e autoridades locais. (PRADO, 2012)

As décadas de 1980 e 1990 caracterizam a evolução tecnológica do rádio. Neste contexto, as emissoras eminentemente jornalísticas passam a se fortalecer no país. O ouvinte que estava acostumado com os noticiários nas emissoras AMs, passou a ouvir diariamente noticiários nas rádios em FM. Estes, traziam uma estrutura de dois locutores na condução do programa.

Exatamente, o modelo de rádio dedicado ao jornalismo 24 horas que vem de fora demorou a ‘pegar’ no Brasil. Lembro-me bem que a CBN por mais de 10 anos no vermelho, o que, deve-se enfatizar, não é muito, em se tratando de pioneirismo. Sim, uma rádio só de notícias ainda não existia. (PRADO, 2012, p. 406).

---

<sup>6</sup>No rádio, som que constitui um pano de fundo na locução (BG).

Segundo Ferarretto (2010), no contexto atual a radiofonia sofreu alterações no que diz respeito a fonte, a mensagem, o canal e o receptor, sobretudo no tocante ao “Rádio digital”, sobretudo após a consolidação da internet. Conforme o autor:

À ideia da inexistência do tempo real no *podcasting* como impeditivo para a sua caracterização como rádio, passa-se a de que o tipo de linguagem empregada supera o suporte tecnológico. E, neste caso específico, trata-se de uma forma determinada e conjugada de manipulação da palavra falada, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, aquela tornada tradicional pelas emissoras ao longo de oito décadas de existência hertziana. Talvez, de fato, aí, no código, resida um dos poucos – senão o único elemento do modelo comunicacional radiofônico – a não se alterar, de modo significativo, sob a vigência da internet. (FERRARETTO, 2010, p. 548).

Para Prado (2012), este momento de convergência do rádio para a internet reflete um formato de audiocast<sup>7</sup> livre, onde o receptor se torna o protagonista e “assim, derruba de vez a função de *gatekeeper*<sup>8</sup> do emissor”.

## A Radiofonia Campinense

As primeiras emissoras de Rádio de Campina Grande já surgem na Era de Ouro do Rádio Brasileiro, o que acentua a programação criativa e diversificada das rádios pioneiras da cidade. O início do Rádio campinense propriamente dito já se inicia respaldado por grandes nomes, que faziam com que um “mundo maravilhoso” fosse transmitido pelas ondas da radiodifusão.

Grandes Produtores passaram pelas rádios campinenses. Com talento, criavam roteiros para programas de auditório, programas humorísticos e, sobretudo, para as famosas radio novelas. Um dos nomes que se firmou no campo da produção radiofônica de Campina foi Fernando Silveira, que dentre tantas produções, escreveu novelas inesquecíveis como “Maria-LaÔ” e “O Anjo Negro”, folhetins que foram exportados para outras emissoras do país.

Foi apresentada pela rádio Atlantica de Santos a novela de Fernando Silveira Maria La-Ô, novela que, como todos sabem foi estreada na rádio Borborema em 1950. Maria La-Ô foi motivo de grande êxito para o cast do radio-teatro da emissora santista, tendo inclusive recebido dos ouvintes pedidos de reprise. Isto vem provar que em Campina Grande também há bons novelistas. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1958, p.7. COLUNA COISAS DO RÁDIO, 27 de Novembro).

---

<sup>7</sup> Arquivo de áudio digital, geralmente em formato MP3

<sup>8</sup> Edição jornalística. Processo que decide o que será veiculado a partir de fatores como valor-notícia, linha editorial, dentre outros



Os auditórios das emissoras radiofônicas de Campina Grande neste período eram constantemente cheios. Tal espaço tornou-se ambiente de lazer e diversão, onde as pessoas, que estavam sempre acostumadas a somente ouvirem seus grandes “ídolos”, vislumbravam aqueles que diariamente entravam em suas casas por meio das ondas do rádio.

O fascínio que o rádio exercia naqueles que estavam longe, ouvindo tudo que se passava naquele prédio da Cardoso Vieira, se transformava para aqueles que se espremiavam nos corredores, atrás, entre e sobre as cadeiras, numa junção maravilhosa de som e imagem, vozes e gestos, teatro e pantomima, atributos humanos e meios eletroeletrônicos de reprodução de som. (SOUSA, 2006, p. 51)

Segundo Fritas (2006), a Rádio Borborema, uma das pioneiras em Campina Grande, tinha em seu *cast* um grande elenco de músicos, radioatores e locutores que se apresentavam diariamente nos programas de auditório. A Rádio possuía sua própria Orquestra, além de receber constantemente outros grupos como o “Conjunto Regional”, dirigido pelo maestro Arnóbio Araújo com participação de grandes instrumentistas como: Ogírio Cavalcante, Gabimar Cavalcante, Cláudio Xavier, Abdias, entre outros.

Os radioatores e as radioatrizes ganhavam rapidamente o afeto do público ouvinte. Não se precisava de demasiado tempo para que as pessoas se encantassem com as vozes dos que conduziam os folhetins sonoros, chegando a estabelecer relações de comoção a medida que as rádio novelas ia sendo apresentadas.

Uma das mais aplaudidas radiotriizes da Rádio Borborema é a extraordinária Elisa César, cuja capacidade de interpretar já tem sido posta em prática centena de vezes. Nos mais difíceis papéis Elisa tem sabido driblar. Sua última e grande interpretação foi a ‘MÃE BENVINDA’ da novela de Fernando Silveira ‘O ANJO NEGRO’. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1958, p.7. COLUNA COISAS DO RÁDIO, 21 de Novembro).

Os programas humorísticos em Campina Grande, assim como as radionovelas, apresentaram grandes nomes do rádio. Muitas produções desse gênero são lembradas até hoje a exemplo da “Escolhinha do professor Nicolau”, criado e apresentado por Fernando Silveira. Personagens como Hilton Mota, Genésio de Sousa, Eraldo César, Aderson Costa, Rosil Cavalcanti, Dinaldo Barreto, Silvinha de Alencar, Edileuza Siqueira, Joel Carlos, Evandro Barros, dentre outros, levavam os ouvintes as gargalhadas com as piadas e improvisos das comédias do rádio.

Outro periódico humorístico que fez sucesso na radiofonia campinense foi “O Edifício Balança mais não cai”, programa criado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e transmitido pela Rádio Borborema em Campina Grande, única cidade do interior a transmiti-lo.

Talvez o sucesso se devesse ao fato do programa tratar de coisas do cotidiano de maneira jocosa e agradável, principalmente ao homem do campo, pois apesar de todo o desenvolvimento urbano que a cidade conheceu nos anos 40, boa parte da população era de origem rural o que, possivelmente, causava uma identificação entre os personagens e os ouvintes do mesmo. (SOUSA, 2006, p. 39).

A produção jornalística não passou despercebida na radiofonia campinense, configurando-se como uma das peças fundamentais das emissoras de rádio da cidade. Mesmo o público não estando presente nos auditórios, tinha sua atenção despertada pelas chamadas dos noticiários. Sempre que o “Campinense Repórter” entrava no ar todos acorriam para próximo do aparelho de rádio, atentos para ouvirem as últimas informações da do cenário local e nacional.

A trajetória percorrida pela mídia radiofônica em Campina Grande demonstra a pujança deste meio de comunicação na construção do *ethos* social da cidade. O rádio alcançou na região da Borborema grande popularidade, sobretudo por ser um veículo de promoção e difusão da cultura.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Através de uma abordagem que articula técnicas e conceitos, o estudo é de natureza qualitativa. De acordo com Barros e Junqueira (2005), os estudos qualitativos são espécies de prismas dos quais o observador olha e procura enxergar a realidade, reconhecendo e interpretando aspectos que a compõem. Esta realidade apresenta-se como complexa, uma vez que o contexto social, as teorias que visam explicá-lo e o senso crítico de quem as investiga são “as condições de produção da interpretação e as condições de possibilidade de se formar esquemas interpretativos adequados” (BARROS e JUNQUEIRA, 2005, p. 33-34).

O método de abordagem utilizado atuou no campo da História Oral, através dos relatos orais de memória enquanto técnica historiográfica de pesquisas históricas sociais.

Para Thompson (2002) a história oral é capaz de interpretar a história das sociedades e sua cultura através da escuta das pessoas e do registro das narrativas de suas memórias e experiências, sobretudo daquelas que raramente são apresentadas nos arquivos históricos.

A história oral tem um poder único de nos dar acesso as experiências daqueles que vivem as margens do poder e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos (THOMPSON, 2002 p.16)

Deste modo, a história oral ajuda a entender melhor nossos passados e a criar memórias muito mais ricas, contribuindo na formação da identidade, sobretudo de comunidade, numa era global (THOMPSON, 2002)

Por meio desta compreensão buscamos na história oral e no campo da memória captar detalhes que ainda não foram documentados sobre os personagens que fizeram o rádio em Campina Grande, dentro de um recorte cultural, temático e metodológico que viabilize a documentação desta pesquisa.

Antecedendo o método da história oral, inicialmente fizemos um levantamento dos principais nomes que triunfaram no rádio campinense através de pesquisa documental, acervo sonoro e por meio de fontes orais de profissionais e ouvintes que estão vivos<sup>9</sup> e que possam atestar a participação dos que atuaram no rádio em Campina Grande.

Em Agosto de 2011<sup>10</sup> começamos o nosso ciclo de entrevistas com o Radialista Joel Carlos, que conviveu com muitos dos personagens que trabalharam no rádio no corte histórico de 1930 a 1960. Através das narrativas de Joel conseguimos listar os nomes dos profissionais que iniciaram o processo de radiodifusão em Campina e que consolidaram a produção radiofônica neste período. Dos nomes listados podemos citar: Hilton Mota, Fernando Silveira, Leonel Medeiros, Joel Carlos, Eptácio Soares, Deodato Borges, José Jataí, Jovelino Farias, Silvinha de Alencar, Maria Mendes, Juracy Palhano, Rosil Cavalcanti, Evaldo Cruz, Barros de Alencar, Dinaldo Barreto, Eraldo César, dentre outros.

A tipificação dos programas igualmente foi coletada por meio de fontes orais e documentais. A partir de uma listagem detalhada elencamos as principais produções e as separamos de acordo com o gênero em que se classificavam. Demonstramos as principais no quadro abaixo:

---

<sup>9</sup>Em março de 2011 coletamos o depoimento da primeira locutora de rádio em Campina Grande. Dona Maria Mendes aos 84 anos com bastante lucidez nos recebeu em sua residência, em Brasília. Numa conversa de mais de duas horas ela nos relatou momentos inusitados vivenciados nos bastidores do rádio enquanto atuava como radioatriz.

<sup>10</sup> A pesquisa foi iniciada antes do processo de aprovação do projeto pelo PIBIC/Af, tendo em vista o interesse dos pesquisadores pela temática.

Principais programas no Rádio em Campina Grande de 1930 à 1960				
Gênero	Radionovela e Seriadados	Auditório	Humorístico	Diversidade E Jornalístico
<b>Programa</b>	Maria-Lá Ô; Anjo Negro; Amor Cigano; Deus e o Demônio; O Flama; Degradação; Páginas de Glória; A ilha dos mortos; O cavaleiro da Vingança.	Aquarela Nordestina; Domingo Alegre; A cidade se Diverte; O forró de Zé Lagoa; O clube do papai Noel; Encontro com o Passado; A Cidade se diverte; O céu é o limite.	A Escola do Professor Nicolau; Uma pulga na camisola (produzido pela rádio Tupi-RJ); O edifício balança mais não cai (Produzido pela Rádio Nacional-RJ).	A semana em revista; Campinense Repórter; Grande Jornal da Borborema.

Por meio da técnica da história oral realizamos entrevistas, priorizando as narrativas, trajetórias, relatos de situações, fatos e acontecimentos dos sujeitos entrevistados, levando-se em consideração as singularidades que marcaram a atuação desses profissionais dentro uma conjuntura histórica e social da época. Além do método da história oral, utilizamos ainda a etnografia que nos permitiu interagir diretamente com os entrevistados em sua vida cotidiana e nos ajudou a compreender melhor suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos durante a entrevista.

As estratégias utilizadas pela etnografia são semelhantes as do entrevistador, sobretudo: a observação participante, anotações e registros realizados por meio de instrumentos apropriados (gravador, computador, câmera de vídeo ou fotográfica, etc.), contato próximo do entrevistador com o campo do entrevistado, entre outros. (CHIZZOTTI, 2006).

Deste modo, o etnógrafo se configura como um pesquisador que permanece no campo envolvido, no período da pesquisa, passando a fazer parte da vida cotidiano do indivíduo, comunidade ou grupo pesquisados. Participando como um membro do referido campo, ele observa não somente o que acontece no local, mas também analisa como são construídas as atividades do local.

O entrevistador, que em seu cotidiano usa da prática etnográfica, buscando fazer uma descrição mais interpretativa acerca do entrevistado, produz uma reflexão que não está somente embasada no que diz o sujeito, mas também na sua história de vida, no seu comportamento durante a entrevista e no seu modo de interação.

Durante os meses de Abril, Maio e Junho de 2012, tivemos conversas prévias com os entrevistados por telefone, agendando alguns encontros para um maior esclarecimento do projeto. Nesta etapa conseguimos visitar três pessoas que fizeram parte do convívio familiar e fraterno dos personagens da radiofonia campinense: Pedro Farias, filho de Jovelino Farias, o Gaúcho; José Alves, amigo do Gaúcho; e Marilena Mota, filha do radialista Hilton Mota. Também nestes encontros recolhemos material documental como fotografias e áudios dos referidos profissionais do rádio.

No mês de Agosto de 2012 passamos a produzir as pautas e os roteiros para as gravações das entrevistas<sup>11</sup>. Aqui utilizamos as técnicas do jornalismo contemporâneo que visa à produção prévia do material jornalístico, a partir do contexto e dos fatos que circundam a temática abordada.

Concluído o processo de produção dos roteiros, iniciamos as gravações no mês de Setembro de 2012. As narrativas gravadas (com a permissão dos sujeitos pesquisados) priorizaram as emoções e sentimentos dos entrevistados através de suas trajetórias vivenciadas no campo radiofônico. Esta etapa do ciclo de gravações foi dividida em duas categorias, tendo em vista a relação dos entrevistados com os personagens da radiofonia: Na primeira situamos os familiares e amigos e na segunda contemporâneos dos profissionais do rádio campinense no recorte histórico. As filmagens com os familiares foram realizadas em suas residências (Pedro Farias e José Alves) e ambientes de trabalho (Marilena Mota e Sandra Medeiros). Com os outros interlocutores, gravamos no laboratório de rádio do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba.

Concluímos o processo de gravação na primeira semana de Outubro de 2012. Até o momento estamos trabalhando na edição do material capturado. Cada entrevista resultou numa experiência única, possibilitando, assim o conhecimento sobre alguns aspectos concernentes à visão de cada um dos interlocutores.

Em todas as entrevistas realizadas na pesquisa percebemos o valor deste método, que inúmeras vezes nos possibilitou uma leitura além das narrativas orais dos entrevistados. Conseguimos, deste modo, obter alguns resultados singulares a partir de um “olhar etnográfico”.

Conforme reitera Geertz (1997), explorar as ações e os sentidos dos pesquisados é respeitá-los como sujeitos ativos, e não tratá-los como meros objetos de investigação.

---

<sup>11</sup> Os modelos das pautas produzidas para as gravações estão presentes no Apêndice deste trabalho

Assim, a partir do relato de história oral e da memória pretendemos construir, através de lembranças vividas num passado, um conjunto de informações detalhadas sobre a atuação desses sujeitos no meio radiofônico campinense, priorizando detalhes relevantes nos depoimentos colhidos. E aqui evocamos Ricouer (2007, p. 40) quando defende que “Não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu e se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOUER, 2007, p.40).

## RESULTADOS

Os resultados apresentados no presente relatório são parciais, tendo em vista que a pesquisa está em andamento.

Em busca de identificar os personagens que introduziram as primeiras experiências radiofônicas em Campina Grande, listamos os nomes dos principais profissionais do rádio do corte histórico. Esta classificação dos homens e mulheres da radiofonia campinense nos permitiu situar cada personagem na linha de tempo proposta pela pesquisa, evidenciando a importância de cada sujeito no desenvolvimento da radiodifusão campinense.

No que concerne às entrevistas, conseguimos realizar oito gravações. Cada entrevista filmada será editada e posteriormente fará parte de um vídeo documentário através de uma plataforma multimídia. Também irão compor um arquivo documental e digitalizado na biblioteca setorial do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba. Ainda hospedaremos o material resultante das narrativas no site do Repórter Universitário<sup>12</sup>.

A primeira entrevista realizada foi com o radialista Joel Carlos, que trabalhou no rádio no período histórico abordado pela pesquisa. O material desta narrativa, que teve por duração uma hora e quarenta e cinco minutos<sup>13</sup> foi de suma importância, pois Joel Carlos abordou o panorama geral da radiofonia campinense, falando não só de sua experiência no rádio em Campina, mas também de sua convivência com outros grandes nomes da radiofonia campinense. Também por meio desta entrevista nos foi possível levantar e tipificar os principais programas das emissoras instaladas em Campina Grande, tendo em vista que o entrevistado trabalhou nas três rádios pioneiras da cidade.

Por conseguinte, efetuamos mais sete entrevistas, as quais foram divididas em duas categorias em detrimento a relação dos entrevistados com os profissionais do rádio das

---

<sup>12</sup>O Repórter Universitário é um site fruto do projeto de Extensão do Departamento de Comunicação da UEPB.

<sup>13</sup> Esta entrevista foi gravada em três dias.

décadas de 1930 a 1960: familiares (filhos e amigos) e contemporâneos (pessoas que conviveram com os profissionais do rádio).

Na primeira categoria entrevistamos o filho de Jovelino Farias, o “Gaúcho”, Pedro Farias nos recebeu em sua residência e nos falou sobre o trabalho de seu pai na radiofonia, desde as difusoras até as participações no rádio. O depoimento do professor José Alves, amigo e discípulo de Jovelino Farias, igualmente nos ajudou a recuperar a trajetória do pioneiro do rádio em Campina Grande. Durante a entrevista que aconteceu em dois momentos, José Alves com saudosismo, falou sobre seu relacionamento e suas primeiras experiências enquanto comunicador na difusora instalada no bairro de José Pinheiro. Vale ressaltar que uma afetividade fraterna foi construída entre ambos a ponto de Jovelino confiar a José Alves seus manuscritos bibliográficos<sup>14</sup>.

Ainda nesta primeira categoria entrevistamos Marilena Mota, filha de Hilton Mota, que além das narrativas sobre o pai, nos cedeu um vasto material fotográfico. Sobre Hilton Mota ouvimos ainda a amiga da família e biógrafa do radialista Sandra Medeiros que na ocasião também nos falou de seu pai Leonel Medeiros, outro grande nome do rádio Campinense. Nesta entrevista se desvelou o sentimento de amizade dos dois radialistas e os laços afetivos das famílias de ambos criados a partir da convivência no rádio.

Na segunda categoria realizamos três entrevistas que se inserem em um campo mais amplo no que diz respeito aos personagens do rádio, não se detendo em profissionais específicos. O primeiro entrevistado foi o professor do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba Luiz Aguiar. O professor nos relatou suas memórias a partir de sua vivência, a princípio como ouvinte e depois como profissional do rádio, nos encaminhando para a formação de perfis dos personagens da radiofonia campinense. A partir de suas narrativas conseguimos traçar aspectos profissionais e pessoais dos personagens do rádio de Campina.

Outro entrevistado foi o professor Gilson Souto, que trabalhou e conviveu com muitos dos personagens listados por nós para a pesquisa. As falas do professor Gilson nos permitiram compreender o processo de produção do rádio das décadas de 1930 a 1960 e também entender a relação do público com os profissionais da mídia radiofônica. Assim, por meio de suas narrativas construímos uma série de noções sobre a recepção e o comportamento dos ouvintes em relação aos principais programas de rádio da época, tendo em vista que a experiência adquirida pelo professor Gilson em detrimento de sua atuação em diversas atividades do rádio

---

<sup>14</sup>O professor José Alves nos cedeu uma cópia deste material.

campinense, a exemplo da locução, redação, edição e reportagem, das muitas especialidades radiojornalísticas, conferem-lhe um entendimento acerca deste processo de receptividade.

O último entrevistado desta categoria foi o professor Rômulo Azevedo, que não só conviveu com alguns dos profissionais do recorte histórico da pesquisa, como teve a oportunidade de entrevistar alguns deles, a exemplo de Jovelino Farias<sup>15</sup>. Por meio da entrevista com Rômulo Azevedo obtivemos informações sobre os profissionais do rádio, sobretudo em relação aos produtores de programas e radionovelas, que não receberam o devido reconhecimento no decorrer da história.

Através dos depoimentos dos entrevistados nos foi possível rememorar a própria história da mídia radiofônica campinense nos seus diversos contingentes, pois como afirma Halbwakhs (1990) “Cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva” por isso “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma” (HALBWAKHS,1990 p.25)

Nesta perspectiva, as narrativas obtidas por meio das entrevistas nos permitiram construir memórias dos profissionais do rádio de Campina Grande por meio de vias antes nunca abordadas. Nos discursos dos familiares percebemos o saudosismo, a retribuição e o orgulho pelos feitos e pelo legado deixado por seus parentes que ajudaram a fazer do rádio o grande meio de comunicação da mídia regional. Nas falas dos contemporâneos conseguimos delinear a importância dos profissionais da radiofonia campinense na construção e disseminação do capital simbólico cultural, tendo em vista que durante muito tempo o rádio foi principal mediador deste bem para a sociedade de Campina.

## DISCUSSÃO

A pesquisa desenvolvida sinaliza que, o rádio, desde sua fundação em Campina Grande, contribuiu enquanto emissor de formação cultural e social, uma vez que a mídia radiofônica campinense acompanhou sempre as transformações técnicas da cidade, estando presente nos principais acontecimentos do cenário político e econômico.

As primeiras experiências da radiofonia campinense demonstram que o rádio já nasceu popular na região. Já no serviço das difusoras, iniciado em Campina no de 1936, por Jovelino Farias, o “Gaúcho”, eram transmitidos “programas que prestaram bons serviços à coletividade campinense”, fazendo com que estes meios de comunicação funcionassem no “sentido de

---

<sup>15</sup>O professor Rômulo Azevedo entrevistou Jovelino Farias quando era repórter da TV Paraíba, na inauguração da emissora em 1º de janeiro de 1987.



serem as porta vozes do povo, difundindo informações, propagandas, avisos e acima de tudo os valores culturais” (FREITAS, 2003, p.129). Esta prestação de serviço continuou após a implantação do rádio propriamente dito em Campina Grande, fator que se refletiu no comércio local, que logo passou a vender receptores e outros aparatos tecnológicos.

A partir da bibliografia consultada observamos que, tanto no cenário nacional como no âmbito regional, a radiodifusão desde os seus anos iniciais, modificou os costumes e paradigmas da sociedade, proporcionando por meio de sua programação transformações nos comportamentos da população. Percebemos, deste modo, que a coletividade campinense alcançou novas dimensões com a radiofonia. A cidade foi se apropriando de novos conceitos e paradigmas que eram “embalados” pelas vozes de homens e mulheres que transformavam as salas de estar em verdadeiros auditórios de rádio.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa nos apontam que, a popularidade do rádio em Campina se deu, sobretudo, pelo empenho dos profissionais que trabalharam na radiodifusão na cidade. Os “sujeitos” do rádio, principalmente os locutores, os cantores e cantoras, os rádioatores e rádioatrizes, constituíam verdadeiros laços afetivos para com o público ouvinte. Mas também os sonoplastas, produtores e diretores artísticos, eram responsáveis pela massiva e afetuosa receptividade da população para com a mídia sonora local.

Percebemos esta ligação emotiva da população campinense com o rádio em SOUSA (2003, p. 46), que diz:

O rádio se tornou na cidade, como de resto em todo o Brasil, um ícone de adoração, um santuário, diante do qual todos se postavam solenes para reverenciar os locutores ou outros artistas. As pessoas se entregavam embevecidas à força de convencimento daquela ‘capelinha sem padre, mas com artistas dotados de um talento sedutor para vender produtos e sonhos.

Em relação à produção radiofônica da época, verificamos que o processo ocorria de modo diferente do atual. Isto parte também da diferença dos formatos dos programas das décadas de 30, 40, 50 e 60, a exemplo das radionovelas e dos programas de auditório, hoje extintos das emissoras de rádio. Estes programas necessitavam de um grande número de pessoas para sua realização, o que evidenciava mais a importância dos profissionais envolvidos. Na produção radiofônica atual, um mesmo sujeito pode atuar como produtor, locutor e sonoplasta, ocasionando uma redução no *cast* das emissoras de radiodifusão.

Até o momento, pelos depoimentos colhidos, podemos evidenciar que esses profissionais do rádio contribuíram para a formação do meio radiofônico que atuou no

crescimento e no desenvolvimento da cidade de Campina Grande. Constatamos que estas pessoas não tinham formação acadêmica, mas que dentro do seu capital cultural primavam por uma produção de forma qualitativa, envolvendo-se num processo de emissão radiofônica previamente produzido, fazendo do rádio local um espaço de disseminação da cultura e de prestação de serviço à comunidade.

## APRESENTANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa permitiu a reconstrução da memória dos personagens do rádio a partir das narrações daqueles que lhes foram contemporâneos. O estudo possibilitou a percepção de que o desenvolvimento da radiofonia campinense e o crescimento das emissoras de rádio locais se deram através do empenho de profissionais que com seriedade trabalharam na radiodifusão, sobretudo nas décadas de 30 a 60, e que muitos destes não fazem parte da memória histórica e coletiva da cidade. À luz das narrativas obtidas conseguimos elencar nomes dos homens e mulheres que, neste corte histórico, desempenharam serviços no rádio e por meio da pesquisa documental e das entrevistas, construir perfis e enredos a partir de nuances antes não abordadas. A pesquisa demonstra que a produção da mídia radiofônica no período estudado era realizada com grande empenho dos que nela trabalhavam, tendo em vista o alcance massivo da população, a difusão da cultura e a prestação de serviços à comunidade.

O contato com as fontes também nos apontou a falta de reconhecimento para com os profissionais do rádio do período estudado que ainda estão vivos, a exemplo do radialista Joel Carlos, que em muito tem a contribuir com a sociedade, principalmente com a Academia, na edificação da trajetória da radiodifusão campinense.

O presente trabalho também veio corroborar com a minha formação enquanto pesquisador e jornalista. Queria poder ter descoberto a pesquisa científica há mais tempo na vida universitária, pois compreendi que no campo empírico as experiências acadêmicas se legitimam. Aqui relato, sobretudo, o aprendizado adquirido com o método etnográfico e da história Oral, que ampliaram minha visão acerca do campo jornalístico, partindo da assertiva de que este se fundamenta inerentemente na escuta e observação dos seus coparticipantes, para nós as fontes da informação.

Assim, diante da importância da problemática apresentada e da necessidade de se afixar na memória coletiva e histórica de Campina Grande os nomes que triunfaram na radiofonia campinense, o presente pesquisa continuará sendo realizada, a fim de uma maior

obtenção de informações e relatos, para um maior reconhecimento das vozes que marcaram a trajetória do rádio campinense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antônio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A elaboração da pesquisa. IN: BARROS, Jorge; DUARTE, Antônio (orgs.). Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2005.

CHAVES, Glenda R. G. in PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humana e sociais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

FERRARETO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

\_\_\_\_\_. *IN* FERRARETO, Luiz Arthur; KLÖKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos.** Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. *IN* SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCEG/EDUEP, 2006.

GEERTZ, C. **O saber local: novos rumos em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Vértice: São Paulo, 1990.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. *IN* SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCEG/EDUEP, 2006.

THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade.** Revista História Oral, nº5, Junho de 2002.

ENTREVISTA

CARLOS, Joel. Entrevista realizada em Agosto de 2011

JORNAL IMPRESSO

Diário da Borborema. **Coisas do Rádio**. Campina Grande: 1958.

## APCIAÇÃO DO ORIENTADOR SOBRE A ATUAÇÃO DO ALUNO

Tive oportunidade de acompanhar a trajetória acadêmica de **Maurício Lucena Junior** inicialmente, através do componente curricular Radiojornalismo. Durante todas as atividades da disciplina o aluno demonstrou total interesse não só pelo conteúdo aplicado, mas pela sua empatia para com o meio radiofônico. Esteve à frente de trabalhos práticos relacionados à área, além da participação, como voluntário, em projetos de extensão sob minha coordenação, a exemplo do Gente Nossa- projeto de construção de memória dos artistas paraibanos que difundem a cultura popular na vertente da música e da poesia, e ainda do projeto de educomunicação aplicado junto aos jovens do Projovem.

Na condição de estágio não obrigatório também sob minha orientação, atuou junto ao programa Mais Educação com o projeto de radio escola, desempenhando de forma eficaz suas atividades enquanto facilitador.

Na condição de bolsista do Pibic no período de 2011 a 2012 com o projeto: **Memórias da Radiofonia Campinense: Por uma (Re) construção histórica dos Profissionais que Atuaram no Rádio Durante as Décadas de 30 a 60**, Maurício Junior correspondeu satisfatoriamente a todas as orientações de forma dinâmica, inteligente e principalmente responsável. Todas as etapas empreendidas para a efetiva execução do citado projeto contaram com a participação incisiva do aluno, o que possibilitou o cumprimento do cronograma previsto.

A sua desenvoltura enquanto pesquisador transcendeu às expectativas inerentes àqueles que estão iniciando experiências no campo da pesquisa científica, o que sinaliza como indicador extremamente positivo para a sua carreira acadêmica.

Profª Drª Goretti Maria Sampaio de Freitas

## APÊNDICES

- **Modelos das pautas produzidas para as entrevistas da Pesquisa**

### **PROJETO DE PESQUISA: MEMÓRIA DA RADIOFONIA CAMPINENSE**

**Produtor:** Maurício Alves

**Retranca:** ENTREVISTA/GILSON SOUTO

**Data:** \_\_\_\_\_

**TEMA:** ENTREVISTA COM O PROFESSOR GILSON SOUTO SOBRE OS GRANDES NOMES DO RADIO CAMPINENSE

#### **SINOPSE:**

AS RÁDIO-NOVELAS MARCARAM ÉPOCA EM CAMPINA GRANDE, ESPALHANDO MODISMO NA CIDADE E CRIANDO ÍDOLOS, QUE RAPIDAMENTE GANHARAM A ADMIRAÇÃO DO PÚBLICO OUVINTE.

UM DOS GRANDES NOMES DA RADIOFONIA CAMPINENSE QUE SE DESTACOU NA PRODUÇÃO DE RADIO-NOVELAS FOI FERNANDO SILVEIRA. COMO DIRETOR ARTÍSTICO DA RÁDIO BORBOREMA, SILVEIRA PRODUZIU BELÍSSIMAS HISTÓRIAS QUE LOGO SE ERAM INSERIDAS NA VIDA DA POPULAÇÃO CAMPINENSE. DENTRE SUAS RADIO-NOVELAS SE DESTACAM: *MARIA LA Ô, O ANJO NEGRO, O DIREITO DE NASCER, AMOR CIGANO, LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO, ESMERALDA, EMBOSCADA DO DESTINO, O SHEIK DE AGDAR, ENTRE OUTRAS.*

FERNANDO SILVEIRA TAMBÉM PRODUZIU PROGRAMAS DE AUDITÓRIO A EXEMPLO DE *A AQUARELA NORDESTINA* E *A ESCOLHINA DO PROFESSOR NICALAU*, O QUAL ERA APRESENTADO POR SILVEIRA.

MAS O NOME DE FERNANDO SILVEIRA NÃO É O ÚNICO NA LISTA DOS MEMORÁVEIS DO RÁDIO CAMPINENSE. DESTACARAM-SE MUITOS OUTROS COMO LEONEL MEDEIROS, PRODUTOR DO *DOMINGO ALEGRE*; ROSIL CAVALCANTI, IMORTALIZADO COM *O FORRÓ DE ZÉ LAGOA*; JURACY PALHANO, APRESENTADOR DO PROGRAMA *ENCONTRO COM O PASSADO* E AINDA PALMEIRA GUIMARÃES, QUE CONDUZIA UM PROGRAMA DE VARIEDADES.

NA PRDUÇÃO DAS RADIO-NOVELAS LEMBRAMOS AINDA DEODATO BORGES, QUE CRIAVA PERSONAGENS BASEADOS EM HISTÓRIA DE QUADRINHOS A EXEMPLO DA RÁDIO-NOVELA *O FLAMA*, INSPIRADAS NAS AVENTURAS DE BATMAN E ROBIM.

OS INTERPRETES DAS RÁDIO-NOVELAS E DOS PROGRAMAS HUMORÍSTICOS, BEM COMO OS APRESNETADORES DOS VARIADOS PROGRAMAS DE RÁDIO RAPIDAMENTE CONQUISTARAM OS OUVINTES DA CIDADE. DOS ATORES E ATRIZES QUE MARCARAM ÉPOCA NO RADIO CAMPINENSE LEMBRAMOS DE: HILTON MOTA, ERALDO CÉZAR, GIL GONÇALVES, JOEL CARLOS, MARIA MENDES, NAIR BELO, ROSIL CAVALCANTE, JOSÉ BEZERRA, FERNANDO SILVEIRA, EPITÁCIO SOARES, ENTRE OUTROS.

A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NÃO PASSOU DISPERCEBIDA NO PERÍODO ÁUREO DO RADIO CAMPINENSE, E FIRMOU MUITOS NOMES NA LOCUÇÃO DAS INFORMAÇÕES DA ÉPOCA, DOS QUAIS RESSALTAMOS: *EPITÁCIO SORES, HILTON MOTA, STÊNIO LOPES, PALMEIRA GUIMARÃES, RAMALHO FILHO, NILO TAVARES, FERNANDO SILVEIRA*, DENTRE OUTROS.

#### **ENCAMINHAMENTO:**

ENTREVISTAR O PROFESSOR GILSON SOUTO A FIM DE IDENTIFICAR E CRIAR PERFIS DOS GRANDES NOMES DA RADIOFONIA CAMPINENSE QUE ATUARAM E PRODUZIRAM NO RÁDIO NO ATÉ A DÉCADA DE 60.

#### **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

- AS RADIO NOVELAS CAMPINENSES DAS DÉCADAS DE 40 A 60 FIZERAM MUITO SUCESSO NÃO SOMENTE NO ALTO DA BORBOREMA, ALGUMAS ATÉ CHEGARAM A SER INTERPRETADAS NAS GRANDES RÁDIOS NACIONAIS. QUAIS OS NOMES DOS PRINCIPAIS PRODUTORES DE RADIO NOVELA DA ÉPOCA?
- E OS ATORES, QUAIS FORAM OS QUE MAIS SE DESTACARMA?
- OS PROGRAMAS DE AUDOTÓRIO LOGO SE TORNARAM UM ESPAÇO DE LAZER PARA A POPULAÇÃO CAMPINENSE. QUAIS APRESENTADORES SE DESTACARAM NA CONDUÇÃO DESTES PROGRAMAS?
- A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NÃO PASSOU EM BRANCO NO PERÍDO AUREO DO RADIO. QUAIS OS LOCUTORES QUE ATUARAM NO RADIO JORNALISMO CAMPINENSE NO PERÍODO DAS DECADAS DE 40, 50, 60?

# PROJETO DE PESQUISA: MEMÓRIA DA RADIOFONIA CAMPINENSE

**Produtor:** Maurício Alves

**Retranca:** ENTREVISTA/JOSÉ ALVES

**Data:** \_\_\_\_\_

**TEMA:** ENTREVISTA COM JOSÉ ALVES SOBRE JOVELINO FARIAS O GAÚCHO

## **SINOPSE:**

JOVELINO FARIAS, MIAS CONHECIDO COMO "SEU GAÚCHO", FOI O RESPONSÁVEL POR IMPLANTAR NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, DURANTE A DÉCADA DE 1930, OS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO VIA AUTO-FALANTES.

GAÚCHO, NATURAL DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, CHEGOU EM CAMPINA GRANDE NO ANO 1936, MAS NÃO COM PRETENSÕES DE FUNDAR O SISTEMA DE ALTO-FALANTES. O QUE IMPULSIONOU A VINDA DE JOVELINO PARA O ESTADO DA PARAÍBA FOI O CONVITE PARA TRABALHAR NOS CASINOS DE JOÃO PESSOA COMO CABARETIER.

JOVELINO INICIA SEUS TRABALHOS EM CAMPINA GRANDE COMO PROFESSOR DE DANÇA, ABRINDO UMA ESCOLA ONDE PASSOU A ENSINAR TANGO. SÓ NO ANO DE 1938, JOVELINO FARIAS INSTALOU UM SERVIÇO DE ALTO-FALANTES, A EXEMPLO DOS QUE HAVIA NO RIO GRANDE DO SUL. O PROJETO DE SOM FOI INSTALADO NA RUA CARDOSO VIEIRA, ONDE HOJE FICA O CALÇADÃO.

JOVELINO FARIAS FOI O RESPONSÁVEL POR INTRODUIZIR GRANDES NOMES NO UNIVERSO DO RÁDIO, A EXEMPLO DO RADIALISTA HILTON MOTA, QUE VEIO DA CIDADE DE PATOS BUSCANDO APRENDER O OFÍCIO DE LOCUTOR. HILTON MOTA COMEÇOU COMO AJUDANTE DE "BOTAR DISCO" DO GAÚCHO.

EM 1942, JOVELINO FARIAS DESATIVA SEUS ALTO-FALANTES E OS LEVA PARA A CIDADE DE TIMBAÚBA, PERNAMBUCO. NÃO OBTENDO ÊXITO COM O TRABALHO NO MUNICÍPIO PERNAMBUCANO, RETORNA AO ESTADO DA PARAÍBA, ONDE RETOMOU SEUS TRABALHOS DE CABARETIER NOS CASSINOS DE JOÃO PESSOA.

VOLTANDO À CAMPINA GRANDE, PASSA A TRABALHAR NOS CASSINOS ELDORADO E POSTERIORMENTE COMO "MESTRE-HOTEL", NO GRAND HOTEL DE CAMPINA GRANDE. RETOMA SEUS TRABALHOS DE LOCUÇÃO NO ANO DE 1949, COMO LOCUTOR DAS LOJAS PAULISTAS, NA RUA MACIEL PINHEIRO.

FOI NESTE PERÍODO QUE RESOLVEU RECOMEÇAR COM OS SERVIÇOS DE ALTO-FALANTES, ESCOLHENDO O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO PARA A INSTALAÇÃO DOS PROJETORES. SEU PRESTÍGIO COM O ENTÃO PREFEITO ELPÍDIO DE ALMEIDA BENEFICOU O BAIRRO COM UM EXTENSÃO DE ENERGIA ELÉTRICA QUE SE ESTENDIA ATÉ A DIFUSORA. OUTRAS MELHORAS URBANAS TAMBÉM FORAM ATRAÍDAS PARA O BAIRRO POR MEIO DA PRESENÇA DA DIFUSORA DO GAÚCHO EM JOSÉ PINHEIRO.

NA RÁDIO BORBOREMA TRABALHOU COMO RÁDIO ATOR, AO LADO DE GRANDES NOMES COMO HILTON MOTA, NAIR BELO, DEODATO BORGES, FERNANDO SILVEIRA, ENTRE OUTROS, SEM JAMAIS ABANDONAR OS SERVIÇOS EM SUA DIFUSORA "A VOZ DO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO", QUE SERVIU DE UTILIDADE PÚBLICA ATÉ O DIA 31 DE DEZEMBRO DE 1985, QUANDO FOI DESATIVADA, DEIXANDO SAUDOSAS LEMBRANÇAS NOS MORADORES DO BAIRRO.

JOVELINO FARIAS, O GAÚCHO, FALECEU AOS 91 ANOS, NO DIA 27 DE ABRIL DE 1996, DEIXANDO SEU MAGNÍFICO LEGADO COMO PRECURSO DA RADIOFONIA.

## **ENCAMINHAMENTO:**

ENTREVISTAR O SR. JOSÉ ALVES, PROFESSOR E EX-VEREADOR DE CAMPINA GRANDE. JOSÉ ALVES CONVIVEU COM O GAÚCHO, TRABALHANDO COM ELE NO SISTEMA DE DIFUSORAS. A ELE FOI CONFIADA A AUTOBIOGRAFIA DE JOVELINO FARIAS, O GAÚCHO, QUE AINDA NÃO FOI PUBLICADA.

## **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

- O SR. CHEGOU A TRABALHAR COM O GAÚCHO NA DIFUSORA "A VOZ DE JOSÉ PINHEIRO". OUTROS GRANDES NOMES DO RÁDIO, A EXEMPLO DE HILTON MOTA, INICIARAM SUAS CARREIRAS NAS DIFUSORAS DO GAÚCHO. COMO ERA TRABALHAR COM O "PROFESSOR JOVELINO FARIAS"?
- COMO AS PESSOAS RECEBIAM AS PROGRAMAÇÕES DA RADIODIFUSORA?
- EM UMA ENTREVISTA O APRESENTADOR LEONEL MEDEIROS CHEGA A AFIRMAR QUE O GAÚCHO É O VERDADEIRO IMPLANTADOR DO RÁDIO EM CAMPINA GRANDE. O SR ACREDITA QUE A HISTÓRIA FAÇA JUZ A ESTA AFIRMATIVA?
- O HORÁRIO DO NAMORO ERA DETERMINADO PELO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA DIFUSORA. COMO SE DAVA ESTA CURIOSIDADE?

## **PROJETO DE PESQUISA: MEMÓRIA DA RADIOFONIA CAMPINENSE**

**Produtor:** Maurício Alves

**Retranca:** ENTREVISTA/MARILENA NOTA

**Data:** \_\_\_\_\_

**TEMA:** ENTREVISTA COM MARILENA MOTA SOBRE HILTON MOTA

### **SINOPSE:**

HILTON MOTA GRANDE PERSONAGEM DA RADIOFONIA CASMPINENSE COMEÇOU SUA CARREIRA TRABALHANDO AINDA NO SERVIÇO DE DIFUSORAS NAS DÉCADAS DE 40 E MAIS 50.

COM A CRIAÇÃO DAS EMISSORAS DE RÁDIO DA CIDADE, HILTON MOTA ATUOU NOS MAIS DIVERSOS PROGRAMAS DE RÁDIO, JORNALÍSTICOS, RADIONOVELAS, PROGRAMAS HUMORÍSTICOS, ENTRE OUTROS. COM GRANDE ESPÍRITO EMPREENDEDOR FOI O IDEALIZADOR DA PRIMEIRA RÁDIO FM DE CAMPINA GRANDE.

### **ENCAMINHAMENTO:**

ENTREVISTAR A FILHA DE HILTON MOTA, MARILENA MOTA, TENTANDO ABORDAR OS VÁRIOS ASPECTOS DA VIDA DO RADIALISTA E EMPRESÁRIO.

### **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

1. HILTON MOTA COMEÇOU A TRABALHAR COM A RADIOFONIA AINDA COM O SISTEMA DE DIFUSORAS. COM A IMPLANTAÇÃO DAS PRIMEIRAS RÁDIOS EM CAMPINA ELE OCUPOU VÁRIOS CARGOS, DESDE ATOR DE RADIONOVELA A DIRETOR DE RÁDIO. A SENHORA PODERIA NOS FALAR UM POUCO DO RADIALISTA E COMUNICADOR HILTON MOTA.
2. HILTON MOTA TAMBÉM SE DESTACOU COMO RADIOATOR DE PROGRAMAS HUMORÍSTICOS. EM CASA, COM OS AMIGOS, ELE TAMBÉM ERA SEMPRE BEM HUMORADO?
3. HILTON MOTA NÃO FOI SOMENTE UM GRANDE COMUNICADOR, MAS TAMBÉM UM EMPREENDEDOR OUSADO, QUE EM MUITO CONTRIBUIU COM A CIDADE DE CAMPINA GRANDE. COMO A SENHORA PERCEBE ESTA IMPOTÊNCIA DE SEU PAI PARA A SOCIEDADE CAMPINENSE?
4. E FALANDO EM EMPREENDEDORISMO, HILTON MOTA IMPLANTOU NA CIDADE A PRIMEIRA EMISSORA FM DA CIDADE. A SENHORA PODERIA NOS FALAR UM POUCO DO HILTON MOTA EMPREENDEDOR?
5. O QUE A CG FM TRAZ DO EXÍMIO COMUNICADOR HILTON MOTA

## **Fotografias das entrevistas realizadas durante a pesquisa**



**Figura 1. Entrevista com o Professor Rômulo Azevedo**





**Figura 2. Entrevista com o Professor Gilson Souto**



**Figura 3. Entrevista com o Professor Luis Aguiar**



**Figura 4. Entrevista com Pedro Farias, filho de Jovelino Farias o "Gaúcho"**



**Figura 5 Entrevista com José Alves aluno e amigo do "Gaúcho"**



## ANEXOS

- **Imagens coletadas dos personagens da Radiofonia Campinense coletadas na pesquisa:**

### Jovelino Farias, O Gaúcho

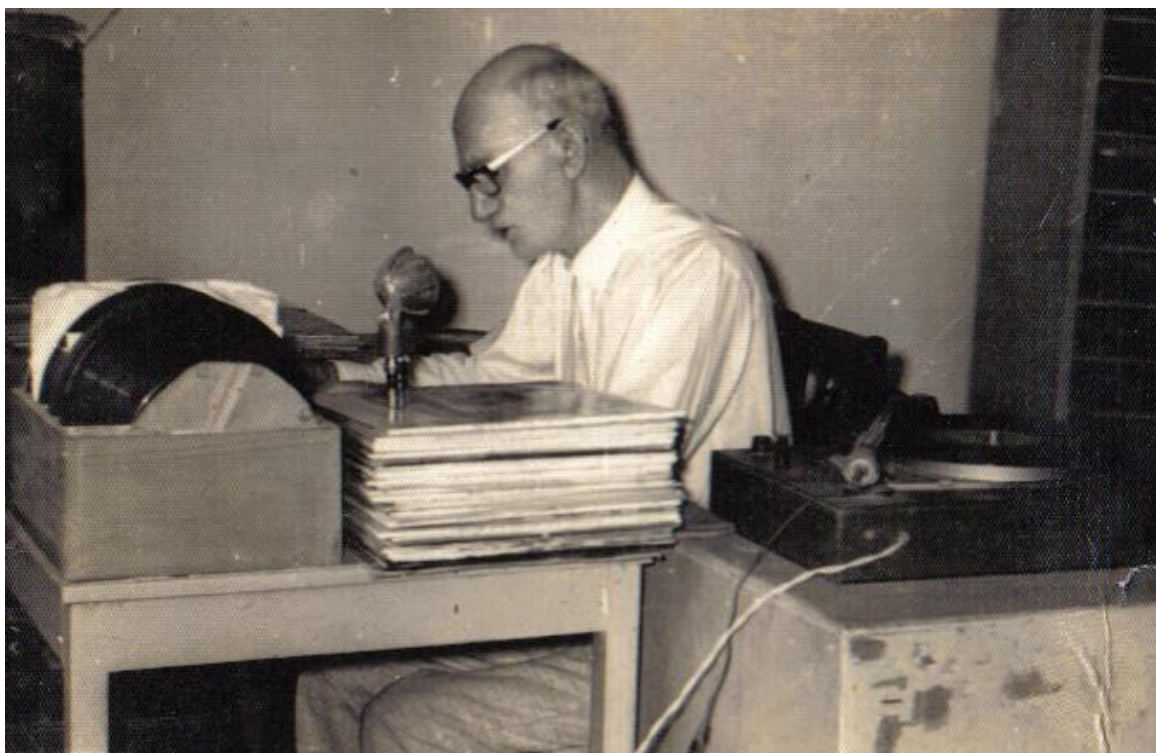


Figura 5 Jovelino Farias, o "Gaúcho", em uma das transmissões da Difusora do Bairro José Pinheiro.

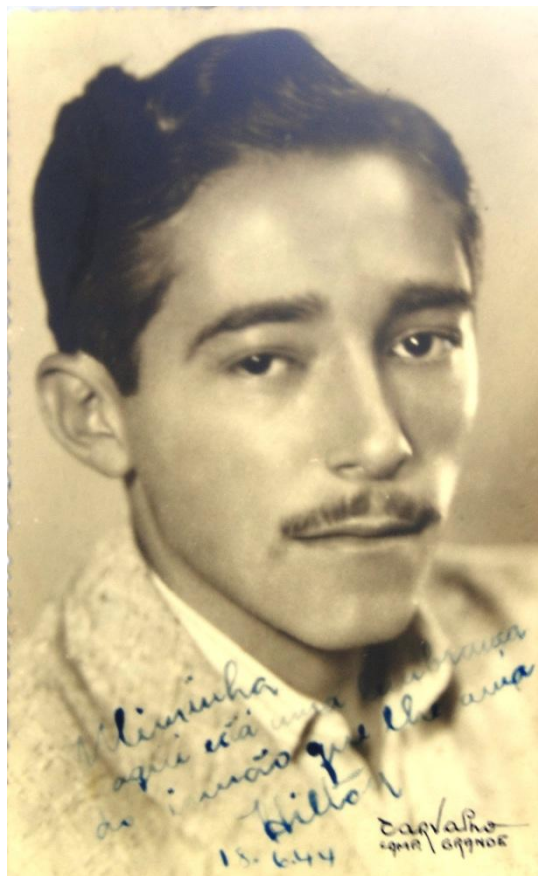


Figura 6 Jovelino Farias, o Gaúcho.



Figura 7 Jovelino Farias com seu "discípulo" Hilton Mota.

**Hilton Mota**



**Figura 8 Hilton Mota**



**Figura 9 Hilton Mota com o Presidente Juscelino Kubistchek**



Auditório da Rádio Borborema



Figura 5 Auditório da Rádio Borborema



Figura 6 Auditório da Rádio Borborema